

Uma
Pequena
casa de chá
em

Caboul



Deborah
Rodriguez

*Quinta Essência**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Copyright © 2015, Deborah Rodriguez
Tradução para a Língua Portuguesa © 2015 by LeYa Editora Ltda.

Título original: A cup of friendship
Preparação de texto: Rafael Rodrigues
Revisão: Lara Stroesser Figueirôa
Capa: Retina 78

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rodriguez, Deborah
Uma pequena casa de chá em Cabul / Deborah Rodriguez; tradução de Alice Klesck -- São Paulo: LeYa, 2015.
ISBN 9788544101827

Título original: A cup of friendship
1. Literatura americana 2. Ficção 3. Romance 4. Cabul (Afeganistão) – Ficção . Título 2. Klesck, Alice
14-0938 CDD-813.6

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura americana
2015

LEYA EDITORA LTDA.
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 — Pacaembu — São Paulo - SP
www.leya.com.br

Uma
Pequena
casa de chá
em
Cabul

Deborah
Rodriguez

Tradução
Alice Klesck

*Este livro é dedicado, com amor,
às três pessoas mais importantes da minha vida:*

Minha mãe, Loie Turner, uma mulher que reúne graça, beleza e compaixão. Eu te devo tanto... Mesmo quando estamos muito distantes, você está sempre em meu coração.

*E meus filhos, Noah e Zachary Lentz, cujas jornadas estão apenas começando. Nosso caminho nem sempre é fácil, mas eu sei que isso nos fortalece. Espero que vocês aproveitem a sabedoria de Eleanor Roosevelt, que nos disse que precisamos fazer as coisas que achamos que não conseguimos. Vocês dois se tornaram homens incríveis.
Sou uma mãe muito sortuda.*

“Mulheres são como saquinhos de chá:
você nunca sabe o quanto elas são fortes,
até colocá-las na água quente.”

— ELEANOR ROOSEVELT

Capítulo 1

*E*ra uma manhã afegã de céu azul vibrante, do tipo que fazia Yazmina afrouxar sua echarpe e virar o rosto para o sol. Ela e a irmã caçula, Layla, voltavam da fonte, com os pés calejados acostumados às repetidas trilhas pela terra milenar. As conchinhas brilhantes que enfeitavam o vestido longo e preto de Yazmina tilintavam a cada passo. Ela olhou em direção aos picos nevados do norte e rezou para que esse inverno, *Inshallah*, se Deus quiser, não fosse tão ruim quanto o último, que tinha sido frio e impiedoso, matando as cabras, congelando a terra, destruindo qualquer chance de uma boa colheita de trigo, pois outro inverno como aquele certamente tornaria real a ameaça de fome.

Seu segredo, que ela trazia na barriga e só poderia esconder por mais um ou dois meses, causava-lhe náusea. Ela tropeçou numa pedra com o corpo hesitante e enfraquecido, por estar se esforçando por dois. Quase derramou a água de seu *kuza*, o cântaro de barro que carregava no ombro.

— Yazmina, cuidado! Você está andando como um burro de três patas — disse Layla, esforçando-se com seu próprio *kuza*. Ele era quase maior que ela. Layla estivera animada durante a manhã inteira. Ela era jovem demais para estar coberta com um *chaderi*, como o que Yazmina estava vestindo, e seus cabelos escuros brilhavam sob a luz do sol.

Quando chegaram à casa do tio, cuidadosamente colocaram os *kuza* na cozinha e voltaram à casa principal. Uma estranha caminhonete preta de vidro fumê estava estacionada lá fora e Layla foi correndo em direção a ela, soltando um gritinho de alegria.

— Olhe, Yazmina! Olhe o *landawar*! — gritou Layla. — É maior que a nossa casa!

Yazmina sabia que ninguém em Nuristão tinha como pagar por um carro desses. Ele só podia ter vindo da cidade, e nunca vinha nada bom da cidade. Um carro assim trazia um chefe da guerrilha ou um chefe do tráfico. Quando carros como esse vieram antes, garotas sumiram.

Yazmina tentou rir com Layla, mas seu coração se apertou. Gotas de suor se formaram em sua sobrelha e a náusea voltou, embora dessa vez tivesse mais a ver com seu temor do que com o bebê que crescia dentro dela. Ela ficou junto à porta do salão principal, onde seu tio conversava com um homem mais velho de dentes marrons, que trajava um *shalwaar kameez* bege, vestido tradicional. Seu tio parecia estar em pânico. Ele tirou do bolso uma bolsinha de pano com dinheiro e ofereceu ao homem.

— Isso é *bakasheesh*, dinheiro de mendigo — disse o homem, debochando, batendo na mão do seu tio e fazendo a bolsa cair no chão.

Ela não entendia o que mais estava sendo dito, mas podia escutar seu próprio batimento cardíaco e imaginou ouvir o tio implorar clemência. Yazmina se encostou na

parede, soltando o ar que vinha prendendo. Não podia condená-lo pelo que ele tinha feito. Depois do inverno rigoroso do ano passado, ele mal conseguia prover alimento para todos. Mas quando o marido de Yazmina foi morto, três meses antes, marido que ela conhecia desde criança e com quem se casou aos quatorze anos, ela e Layla não tinham mais lugar para onde ir. Foi a tradição que obrigou seu tio a acolhê-las e pegar dinheiro emprestado desses bandidos. Ela sabia o que vinha pela frente. Ele não conseguiria protegê-la, já que não conseguira pagar a dívida.

— Leve minhas cabras! — seu tio gritava. — Fique com minha casa! — implorava ele, caindo de joelhos. — Só não leve Yazmina, é como se eu a estivesse vendendo. Você venderia seus olhos? Venderia seu coração? — Ele parou um minuto para recuperar o fôlego e pensar. — Além disso — prosseguiu ele, olhando para o alto, nos olhos frios do homem altivo acima dele —, minhas cabras valem mais no mercado do que ela. Ela já foi casada.

— Sim, ela não é mais uma menina — respondeu o homem. — A que devo levar é a menorzinha. — Ele se virou para Layla, que agora estava ao lado de Yazmina, e a perfurou com seus olhos negros.

O tio de Yazmina implorava:

— Não, *Haji* — dizia ele, usando o nome comum para esses homens. — Eu imploro. Ela ainda é muito pequena. Ainda é uma criança.

Yazmina sentiu a irmã pegar-lhe a mão e apertar com força.

— Se eu não receber o dinheiro que me deve por essa aqui, voltarei para levar a pequena depois que a neve derreter. Agora, vamos — ele ordenou a Yazmina.

Seu tio levantou e desviou o olhar para Yazmina, contraindo o maxilar forte, tentando não falar. Ele bateu a poeira dos joelhos e a acompanhou até o carro. Pediu que ela não se preocupasse, mas seu rosto revelava o que Yazmina já sabia em seu coração. Ela seria levada de seu lar em Nuristão, a sudeste das estradas perfiladas por ruínas, até Cabul, onde seria vendida por quem desse mais, para ser sua terceira, talvez quarta esposa, ou, pior, uma escrava, ou, pior ainda, seria forçada a ser prostituta.

Um jovem estranhamente alto para um afegão, de barba preta e olhos fundos estava junto à porta traseira do carro, segurando-a aberta para Yazmina. Havia outro homem no banco do motorista.

Yazmina queria lutar, chutar e gritar, mas sabia que resistir faria com que eles levassem Layla. Então ela perguntou:

— Posso pegar minhas coisas? Posso levar uma muda de roupa?

— Entre no carro! — o homem gritou para ela, empurrando seu ombro bruscamente.

Antes de entrar, ela se virou para o tio e o abraçou. Ele sussurrou em seu ouvido o poema que a mãe de Yazmina recitava para ela quando bebê:

A lua foi feita redonda, pela mão direita de Deus.

A lua é feita crescente, por sua mão esquerda.

Mas é o coração de Deus que faz meu amor por você durar eternamente.

Ela recitou a última frase junto com ele com muita dificuldade, por estar engasgada, com a garganta fechada. Em seguida, Yazmina deu três beijos em Layla, cada um mais

salgado que o outro por conta das lágrimas em seu rosto.

— Tenha uma vida abençoada, pequenina. Agora me mostre aquele seu sorriso, pois esse será meu presente de despedida — disse ela. Mas a menina menor começou a chorar, temendo nunca mais ver Yazmina, e sabendo que poderia ser a próxima. Do bolso, ela tirou as miçangas de oração e as colocou na mão de Yazmina, segurando apertado, com as duas mãozinhas, sem querer jamais soltar.

— Chega de despedidas — disse o homem de dentes marrons. — Entre no carro.

Yazmina rapidamente colocou as miçangas em seu bolso, pegou a bainha do vestido comprido e se sentou, puxando as pernas.

Layla saiu correndo de volta para o salão de cozinha.

— Espere... espere por mim! — ela gritou.

Yazmina sabia que ela ia pegar água para jogar no carro, uma tradição que garantia o regresso da pessoa que estava partindo. Mas Yazmina sabia que nunca mais voltaria. Ela então arrumou os ombros, forçando-se a olhar direto para a frente, e sentou ereta, enquanto o velho se acomodava no banco do passageiro, e o jovem se sentava ao seu lado, fechando a porta. O veículo foi embora deixando uma nuvem de poeira.

Quando Layla voltou com a água para jogar no carro, ele já havia partido. Era apenas um ponto negro na estrada, já longe, na descida do vale.

A casa de chá estava cheia de clientes habituais — desajustados, missionários e mercenários, afegãos e estrangeiros — e Sunny, como sempre, estava no balcão. Ela observava seu espaço, satisfeita com o negócio, o movimento, a *vida* que pulsava no salão. Esse era o seu lugar, ali, no meio da zona de guerra, num dos locais mais perigosos da Terra. Depois de uma vida de dificuldades e escolhas ruins, finalmente, aos trinta e oito anos de idade, ela havia encontrado um lar. Sunny era o coração da casa de chá e não pretendia partir nunca.

Cabul era o lugar perfeito para ela. Como tudo ali era muito dinâmico, qualquer coisa poderia acontecer. Cinco homens tinham acabado de entrar vestidos de preto, os óculos escuros Foster Grants escondendo seus olhos, metralhadoras penduradas nos ombros, armas presas às cinturas. Fazia tempo que ela não via homens tão bonitos. Em outro país, eles representariam problemas. Mas ali ela sabia que eles significavam cinco cafés e uma travessa de biscoitos.

— Oi, pessoal — disse ela com o leve sotaque sulista que não perdera, mesmo depois de todos esses anos. — Se quiserem um cardápio, precisam me dar as armas, como diz a placa — ela apontou na direção da porta, onde havia uma placa escrito: POR FAVOR, ENTREGUE SUAS ARMAS NA PORTA.

Com um forte sotaque do leste europeu, um dos homens começou a discutir, e todos os olhos do salão se voltaram para eles. Sunny abriu um grande sorriso e garantiu que as armas estariam seguras.

— Além disso — continuou ela —, com armas, nada de cardápio. Querem comer? Então, precisam entregá-las.

Relutantes eles entregaram as armas de fogo a Sunny, que as repassou ao balconista e seu braço direito, Bashir Hadi, para colocá-las na sala dos fundos, onde as armas ficavam guardadas junto com esfregões e vassouras. Eles tiraram as jaquetas de couro e

cachecóis, e Sunny pendurou tudo no armário da frente.

Ela voltou para o lado de Bashir atrás do balcão.

— Tenho algumas coisas a fazer, volto assim que puder — falou, tirando o avental.

— Vou com você — disse ele, como sempre.

— Estou bem — respondeu ela, como de costume. Ela já sabia o que vinha a seguir.

— Não se esqueça de trancar suas portas. Mantenha as janelas fechadas. E prometa que não vai dirigir com a capota abaixada, pelo amor de Deus! Evite os bloqueios da estrada. Não pare, a menos que precise. Não vá por ruas paralelas, nem becos.

— Eu já pedi a Ahmet para pegar o carro na viela e trazer aqui para a frente.

— E eu sei que não preciso lembrá-la...

— Mas vai lembrar mesmo assim — Sunny sorriu.

— Não deveria estar dirigindo e não deveria andar sozinha. Ligue para mim quando chegar lá.

— Eu sempre ligo — e, por reflexo, ela pegou o celular pendurado em seu pescoço por uma cordinha vermelha. Já havia perdido muitos por deixá-los no balcão.

Hoje, Sunny tinha a missão de levar flores para a recém-eleita chefe do Ministério da Mulher. Embora elas já tivessem se conhecido na casa de chá, uma visita formal iria assegurar um relacionamento importante, necessário para uma mulher com um negócio em Cabul. Sunny colocou um casaco e pegou um chador, de um gancho atrás do balcão, e cobriu com ele seus cabelos compridos, castanhos e ondulados, cuidadosamente embrulhando o tecido de seda ao redor do pescoço e dos ombros, fingindo ser uma estola chique que usava por opção própria.

— *Salaam aleikum*, a paz de Deus esteja com você — ela disse a Ahmet, o *chokidor*, segurança da casa de chá, ao passar pela porta da frente, que ele segurava aberta para ela. — Fique de olho nesse pessoal aí dentro, está bem?

— *Wa aleikum as-salaam*, esteja ela com você também — respondeu Ahmet. Ele era pequeno, como a maioria dos homens afegãos; a metralhadora que carregava no ombro provavelmente era mais pesada que ele, o que o fazia parecer um soldado de brinquedo, principalmente por seus cabelos alisados para trás, com gel, parecendo um capacete em sua cabeça.

Sunny sorriu, agora entendendo onde tinha ido parar o gel que guardava no banheiro do café. Ela falou, em *dari*, as gentilezas habituais: como vai você, Ahmet? E sua irmã, na Alemanha? E cada um de seus parentes vivos? Depois perguntou sobre a saúde de todos. Em Cabul, era grosseiro agir de outro modo. Ahmet era seriamente tradicionalista e seguir as regras, tanto as não ditas quanto as do Alcorão, era importante para ele. Ele tinha ganhado seu respeito. E já fizera sua segurança e de seus clientes tantas vezes que ela nem poderia contar.

Ele lhe fez as mesmas perguntas e alguns minutos depois ela estava livre para partir. Olhou para os dois lados da rua e diante de cada estabelecimento comercial havia um homem vestido igual a Ahmet, de óculos escuros, camisa e calça preta. Alguns tinham armas e facas ainda maiores. Ela riu consigo mesma. Esses *chokidors* estavam competindo uns com os outros, pensou ela, como faziam as garotas de colégio, em sua terra natal, com seus celulares, bolsas e joias. A diferença era que em Cabul os acessórios eram porretes, armas e punhais.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

